honestas realidades diárias é, para vós, homens e mulheres do mundo, coisa oposta à vontade de Deus.» (cfr.

114 o.c.);

«Eu vos asseguro, meus filhos, que, quando um cristão realiza com amor a mais intranscendente das acções diárias, ela transborda da transcendência de Deus. Por isso vos tenho repetido, com insistente martelar, que a vocação cristã consiste em fazer poesia heróica da prosa de cada dia. Na linha do horizonte, meus filhos, parecem unir-se o céu e a Terra. Mas não; onde se unem deveras é nos vossos corações, quando viveis santamente a vida de cada dia...» (cfr. 116 o.c.):

«Mas jamais esse cristão se lembra de pensar ou dizer que desce do templo ao mundo para representar a Igreja, e que as suas soluções são as soluções católicas daqueles problemas. Isso não pode ser, meus filhos! Isso seria clericalismo, catolicismo oficial, ou como quiserdes chamá-lo. De qualquer modo, seria violentar a natureza das coisas. Tendes de difundir por toda a parte uma verdadeira mentalidade lai cal, que há-de levar os cristãos a três consequências:

a serem suficientemente honrados para arcarem com a sua responsabilidade pessoal;

a serem suficientemente cristãos para respeitarem aqueles dos seus irmãos na fé que proponham — em matérias discutíveis — soluções diversas das suas:

a serem suficientemente católicos para não se servirem da nossa Mãe, a Igreja, misturando-a com partidarismos humanos.» (cfr. 117 o.c.).

Bem recordo que, acabada a sua leitura, de uma grande beleza formal adequada à riqueza do conteúdo, perpassou um frémito de entusiasmo na numerosa assembleia. Nessa altura ainda não vigorava a «liturgia do aplauso» e não passava pela cabeça de ninguém interromper a Missa com palmas... mas, sem as ouvir, nunca as senti tão perto.

Acima dos gostos e das modas — sempre oportunistas — a linguagem clara, franca e sobrenatural de Mons. Escrivá parece um eco fiel da palavra evangélica: «Seja o teu falar, sim sim.

não não».

R. D.

Direito Canónico

LE TOURNEAU, Dominique, O Opus Dei. Ed. Rei dos Livros. 1 vol. de 110 ps. 200×140. Lisboa 1985.

O livro «o Opus Dei», de Dominique Le Torneau, em boa hora editado pela Editora Rei dos Livros, tradução do n.º 2207 da colecção «Que sais-je?», que teve profunda divulgação em França, é um elemento precioso e indispensável para conhecer o Opus Dei.

Aí se encontra uma descrição muito pormenorizada, embora necessariamente sintética, que satisfaz a curiosidade dos leitores, ultrapassando mesmo a muitos nas suas expectativas. A organização interna do Opus Dei, os compromissos que assumem os seus membros leigos ou sacerdotes seculares, são claramente descritos, bem como o apostolado que realizam, pessoalmente

ou em colaboração, e as obras apostólicas que promovem, na sua maioria em colaboração com outros cidadãos, cristãos ou não, nos diferentes países em que o Opus Dei está implantado.

O seu maior interesse reside principalmente na referência à espiritualidade de que vivem estes homens e mulheres de todos os sectores da sociedade e que gira à volta da santificação do trabalho quotidiano, das ocupações correntes do dia-a-dia: familiares, profissionais, sociais, etc. Esta vocação à santidade do quotidiano foi uma grande novidade na vida da Igreja, que se antecipou ao Vaticano II. como o testemunham várias figuras proeminentes da Igreja, como por exemplo o cardeal Luciani pouco antes de ser eleito Papa, e o próprio João Paulo II. São numerosos os textos de Mons. Escrivá recolhidos no presente volume, que ilustram e fundamentam esta ascética e nos dão uma perspectiva histórica. Daí resulta fácil concluir-se que a única comparação que se pode fazer com os membros do Opus Dei, é a da vida dos primeiros cristãos, que se esforçaram por viver integralmente a sua fé, em todas as circunstâncias em que se desenrolava a sua actividade, sem aban-

donarem o mundo.

A Santa Sé que já desde 1950 tinha aprovado definitivamente o espírito do Opus Dei, «homologou» — se assim se pode dizer-este novo modo de procurar a santidade, através das ocupações quotidianas, erigindo recentemente (28 de Novembro de 1982) o Opus Dei em Prelatura pessoal, figura juridica nova, procedente do Concilio Vaticano II, e aplicada pela primeira vez ao Opus Dei. Um capítulo dedica-

do à história jurídica do Opus Dei. permite situar a Prelatura pessoal na organização hierárquica e pastoral da Igreja católica e precisar as relações dos fiéis da Prelatura com os Bispos diocesanos. Embora aparentemente parece um assunto delicado, torna-se muito claro de entender após a leitura do referido capítulo: um membro do Opus Dei depende como qualquer fiel do seu Bispo; mas também depende do Prelado do Opus Dei quanto aos compromissos específicos de natureza espiritual que por vocação, pessoalmente assumiu.

Não deixou o Tradutor de nos dar também na presente edição dados do trabalho apostólico do Opus Dei no

nosso País.

J. A. Marques

Teologia Pastoral

ROCHA MARTINS, Mons. Alberto, Sermão da Evocação do Primeiro de Dezembro de 1640. Ed. do Autor. 1 vol. de 240 ps. 210×160. Barcelos 1985.

O Autor não esconde, nestas páginas, o seu ardente amor à Pátria, que pretende incutir aos novos, numa hora «de apagada e vil tristeza», como

esta em que vivemos.

Estamos ainda mal refeitos do desastre da revoltante descolonização feita pelos traidores de Portugal, que tudo entregaram aos nossos inimigos: história, povo, bens, isto é, passado, presente e, querem entregar o futuro.

Mons. Alberto Rocha Martins, num estilo encantador, sabe entusiasmar os novos para que se unam e façam levantar da miséria em que o prostraram este gigante do passado, Portugal, que foi grande por causa da grandeza dos seus filhos.

Este sermão deve ler-se, meditando nas causas da nossa desgraça para as remover, pois «viver é subir» diz o consagrado Autor.

José Arieiro

ROCHA MARTINS, Mons. Alberto, Sermões e alocucões. II. Ed. do Autor. 1 vol. de 126 ps. 210×160, Barcelos 1985.

Estes Sermões foram pregados na Catedral de Braga, na Igreja dos Congregados da mesma cidade e do Porto e no Largo do Paço, em Braga, na Semana Santa (Sermão das sete Palavras).

Há muita diferença num sermão ouvido e lido, como bem se compreende. No Sermão ouvido, falam-nos as qualidades do Orador; voz, gesto, co-municação com o auditório, vibração dos sentimentos etc. No Sermão lido, sobretudo por quem não conhece o Orador, admira-se a beleza da forma, a clareza das ideias, etc., mas, como é evidente, falta-nos alguma coisa, que é a vida transmitida.

Ouem conhece este Orador, sabe completar, sem dificuldade, estes belíssimos sermões, que despertaram nos ouvintes tanto entusiasmo e fomentam nos leitores a verdadeira piedade. Mons. Rocha Martins fala para convencer, para entusiasmar, para